

A DANÇA DOS NOMES NOS MANUSCRITOS DE "DÔRA, DORALINA"

Italo Gurgel*

Resumo

Os manuscritos de *Dôra, Doralina* expõem alguns dos mecanismos através dos quais Rachel de Queiroz dá uma feição característica à sua prosa. Seguindo a pista desses documentos, descobre-se por que denominar os personagens é uma das operações "mais penosas" do trabalho criativo da Autora cearense.

Résumé

Les manuscrits de *Dôra, Doralina* exposent quelques mécanismes à travers lesquels Rachel de Queiroz donne un aspect particulier à sa prose. En suivant les traces de ces documents, nous découvrons pourquoi donner des noms aux personnages est une des opérations "les plus pénibles" du travail créatif de cette Auteur du Ceará.

Palavra Chave:

Rachel de Queiroz
"Dôra, Doralina"
Romance brasileiro
Crítica Genética

Batizar os personagens é "uma das partes mais penosas" do trabalho criativo, segundo Rachel de Queiroz. "Como mãe exigente, quero que cada um mostre quem é, através do nome, que o nome lhe assente de cara e alma, e é difícil demais. Nome nenhum parece que dá certo, crio combinações, recorro a memórias de infância", diz Rachel, em crônica publicada pelo *O Povo* (Fortaleza-CE), edição de 20.05.95, sob o título "O nosso humilde ofício de escrever".

Quando pesquisávamos os manuscritos de *Dôra, Doralina*, para desenvolver nossa dissertação de mestrado,

tivemos em mãos as provas do conflito íntimo que persegue Rachel - e, decerto, muitos outros autores - no momento de dar nome aos personagens que irão povoar suas páginas. Interessados pelo processo criativo, investigamos documentos autógrafos que testemunharam o nascimento de "Dôra" e que nos permitiram ver o texto numa perspectiva nova, apresentando todas as marcas do movimento da gênese.

O dossiê por nós reunido constituiu-se de um caderno de anotações, contendo o esboço primário do romance, e um datiloscrito onde se revelam, com abundância de provas, os conflitos do trabalho redacional. O texto definitivo, aquele que aparece na primeira edição do livro, foi utilizado como balizamento final da pesquisa. Uma série de outros documentos, como artigos de jornal e entrevistas dadas pela autora, serviram de ponto de apoio secundário para o estudo crítico.

Característico, em sua maior parte, de uma fase pré-redacional, o caderno é o suporte onde afloram todos os desdobramentos do embate que cerca o batismo dos personagens. Vários deles são rebatizados diversas vezes, percebendo-se, em outros casos, que o nome definitivo somente surgirá no texto datilografado, quando ocorre, de fato, uma estabilização nessas *démarches*.

Ao defrontar-se com o problema, Rachel adota estratégias diversas. O procedimento mais comum é a troca de nomes no primeiro estágio escritural, sem nenhuma sinalização especial. Percebe-se, na maioria dos casos, uma tendência para ajustar o nome às múltiplas características do personagem, mas, por vezes, tem-se a impressão de que a autora simplesmente exercita a liberdade de criação.

Já na primeira página do caderno, Rachel de Queiroz delinea a estrutura do romance, dividindo-o em três grandes partes: I) O livro de Donana, II) O livro da Companhia e III) O livro do Comandante. Está claro que "Donana" seria o nome destinado à mãe de Dôra. Mas o personagem somente ganharia o nome de "Senhora", com o qual passaria para o

* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará, professor da Casa de Cultura Francesa e Coordenador de Comunicação Social da UFC.

livro impresso, na página 78 daquele documento. Qualquer que fosse, porém, a opção, percebe-se que Rachel buscava um apelido capaz de sugerir a idéia de personagem dominador, arbitrário, possessivo. Também não se pode ignorar o fato de que “Senhora” é apenas um tratamento. Assim, quase que se despersonaliza a figura da matrona, que passa a ser mais uma entidade, uma instituição. Seu nome, por si, demonstra o distanciamento entre mãe e filha, entre a dona da fazenda Soledade e o resto do mundo.

Quanto a Xavinha, a própria Rachel revela, no artigo de 20.05.95, como procedeu para batizá-la: “...aquela Xavinha de Dôra, Doralina existe no livro tal como foi na vida - com o mesmo nome, personagem secundária, solteirona, beata, dentuça, cara amarela e, no meio disso tudo, uns doces olhos azuis. Para nós lá, olho azul é um luxo raro, uma dádiva especial. E parecia um desperdício de Deus Nosso Senhor dar aqueles olhos à Xavinha, que não merecia.” No caderno, o nome vem grafado, inicialmente, com “Ch”. Mas, a variação Chavinha/Xavinha revelaria, talvez, mais do que mero pretexto para um jogo de palavras, como pode parecer a partir de episódio narrado nas primeiras páginas do romance e que explora um detalhe morfológico. Trata-se da cena em que Dôra relembra conversas com a agregada da família:

- Xavinha, teu nome é Chaves?

E ela dava cavaco sempre, se eu estivesse por perto me torcia beliscão.

- Meu nome é Francisca Xavier Miranda. Xavinha é apelido. Ela dizia assim, *apelido*, achava bonito falar explicado...”

Poderíamos, aqui, especular em torno da adequação do nome ao personagem, preocupação confessa de Rachel de Queiroz. De fato, observa-se que, ao optar por “Xavinha”, diminutivo de Xavier, a autora teria atribuído à desgraciosa solteirona os atributos que o dicionário associa àquele antropônimo: “Sem graça; acanhado, desenxabido, encastrado: ficar xavier” (*Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Aurélio Buarque de Holanda).

No momento em que esboçou os traços do personagem no rascunho, Rachel deixou assentado o nome da beata dentuça, de olhos azuis, em quem se inspirou para criar Xavinha: “Chavinha (Bela Miranda) comia o doce com a faca, de dedinho levantado”, anotaria na página 12 do caderno. Indagada por nós sobre a existência real de Bela Miranda, a escritora confirmou ser esta senhora, de fato, a matriz do seu personagem. Observe-se que, ao batizar Xavinha, ela lhe emprestou o mesmo nome de família: Francisca Xavier Miranda.

Quanto ao verdadeiro nome do Comandante, Asmodeu - motivo de discussões e desdobramentos nas páginas 132, 133 e 134 do livro impresso (primeira edição) - este tem seu embrião nas anotações das páginas 122, 143 e 144 do caderno, onde se antecipa a confusão com o prenome “Amadeu” e se delineia explicação para a escolha do nome de batismo, justificada pelo anticlericalismo do pai. Na página 122, Rachel anota, entre parênteses, uma instrução

metadiscursiva, cuja pista resolvemos seguir: “Ver no Larousse e na Britânica o verbete Asmodeus”.

Na versão entregue ao público, a definição de “Asmodeu”, apresentada, entre aspas, na página 132, como sendo retirada de um dicionário, assemelha-se fortemente ao comentário da enciclopédia *Grand Larousse*. Comparemos os dois textos. No romance, lemos:

“ASMODEU, entidade diabólica que figura no livro de Tobias como sendo o demônio dos prazeres impuros. Também tem sido chamado ‘o diabo coxo’. Levanta os telhados das casas e descobre os segredos íntimos dos seus habitantes.”

Na enciclopédia francesa, o texto (por nós traduzido) assim se apresenta:

“ASMODEU (hebraico: Aschmedai) nome aparentemente de origem persa (Ashma Daêva, demônio da sensualidade no Avesta), personagem diabólico que figura no livro de Tobias e que parece ter sido o espírito do amor impuro e a personificação dos instintos de volúpia.”

Quanto a Seu Brandini, o simpático artista mambembe, líder da *troupe* à qual Dôra se incorpora, na passagem por Fortaleza, seu nome também foi objeto de conflito durante a gestação do romance. Brandini nasceu “Marinelli”, somente recebendo o nome definitivo na página 43 do caderno. A mudança, pelo visto, não introduziu qualquer nova conotação. Patenteia-se apenas a intenção de Rachel de dar ao personagem um nome italiano, de alegre sonoridade peninsular, compatível, portanto, com a personalidade irrequieta do velho ator. Já com relação à mulher de Brandini, Estrela, os nomes ensaiados percorreram variações de diferentes tendências. De início, ela é chamada de “Karla Moema”, apodo de gosto duvidoso, apropriado, sem dúvida, a uma vedete do teatro, na época. Depois, Rachel resolve rebatizá-la de “Tininha”, o que soa como apelido familiar, de tom absolutamente neutro. A opção final foi por um codinome bem mais apropriado àquela que brilha no palco: Estrela.

Personagem dos mais importantes na trama, Delmiro é chamado, de início, “Luís Namorado”, ou “Luís Honório de Souza”, como vem referido, com todas as letras, na página 21 do caderno. Até a 71, vamos encontrá-lo com este nome. Contudo, nas páginas 28 e 29, surgem inesperadas anotações referentes a certo “Delmiro”. São, na verdade, notas muito especiais, escritas com esferográfica, contrastando com o corpo dos rascunhos, em que Rachel de Queiroz utilizou lápis de ponta fina. Tudo faz crer que tais apontamentos foram feitos durante a releitura do caderno, numa etapa posterior ao primeiro momento escritural, quando a autora já havia definido a denominação dos seus personagens. Descobre-se, ainda no caderno, que Rachel não descartou por completo aquele “Luís Namorado”. Mais tarde, ela toma este nome para batizar o ajudante de Laurindo, primeiro marido de Dôra, no trabalho de agrimensor. A autora chega mesmo a apresentar uma explicação. Diz ela, na página 43 do romance: “O nome do cabra era Luís Namorado, que de menino lhe botaram o apelido, pelo costume que tinha de andar de chapéu à banda, como chifre de vaca namorada”.

Idêntico procedimento utilizaria com relação ao nome “Bígode”, emprestado, numa primeira instância, ao Chefe Conrado, e que, ao ser descartado, serviu para denominar o personagem inicialmente chamado “Flamenguinho”.

O próprio nome artístico de Dôra, na companhia de burletas de Seu Brandini, parece ter ocupado amplo espaço, nas discussões intramuros, durante a feitura do romance. O nome finalmente escolhido, Nely Sorel, vai lançado na página 17 do caderno. Trinta páginas depois, o tema reaparece, agora com elementos para alimentar o debate. Dos apodos de inspiração francesa e inglesa ensaiados - Lili, Mimi, Nancy, Norma Dorothy, Carol Gable (“Carol” vem ligado por uma linha a “Del Rio”, sugerindo também a formação “Carol Del Rio”), Norma Colbert e Manon Marion - nenhum deles reaparecerá nos documentos seguintes. Em lugar disto, Rachel irá referir-se a uma suposta tendência do mercado teatral: “tinha que haver um nome em inglês ou francês para complementar”.

E não foram somente os humanos que mudaram de denominação, no labirinto da gênese. Garapu, a melhor vaca de leite no plantel de Dôra, tinha no caderno o nome de “Jaçaná”. Em ambas as opções, Rachel atentou para uma tradição do homem sertanejo, que é a de dar a seus animais domésticos nomes retirados da fauna brasileira. De fato, “jaçaná” é uma “ave caradriiforme, da família dos jacanídeos” e “garapu”, ou “guarapu”, vem a ser “sorta alba da família dos melipônidas”, na definição do **Novo Dicionário Aurélio**.

O manuscrito literário, essa terra incógnita, onde o texto aparece submetido a todos os “possíveis” do trabalho criador, reserva surpresas e revelações, sobre os bastidores da obra, a todo aquele que resolver reconstituir o dossiê da gênese para nele investigar o artesanato da palavra. Nos manuscritos de Rachel de Queiroz, encontramos um amplo leque de lições subjacentes, onde afloram basicamente todos os conflitos que permeiam a criação literária. Através dos rascunhos de **Dôra**, **Doralina**, e em especial no que se refere ao ritual de denominação dos personagens, acreditamos ter

compreendido melhor alguns dos mecanismos que dão uma feição característica à sua prosa. Se, por vezes, confirmamos aquela determinação em adequar o nome às qualidades pessoais do seu portador, noutras ocasiões, achamos que se manifesta, tão somente, a liberdade ficcional que preside o ato criativo, durante o qual a própria lógica é constantemente redirecionada, em função dos designios da mão que escreve.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA SALLES, Cecília. Crítica genética, uma introdução. São Paulo: Educ, 1992, 113 p.

BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [19—], 1499 p., 15 impressão.

GRAND LAROUSSE ENCYCLOPÉDIQUE. 10 v., Paris: Larousse, 1960.

GRÉSILLON, Almuth. Éléments de critique génétique. Paris: Presses Universitaires de France: 1994, 258 p. il.

QUEIROZ, Rachel de. Caderno de anotações para *Dôra*, *Doralina*. Rio de Janeiro: [197-], 238 p., manuscrito, depositado no arquivo de Marlene Gomes Mendes, em Niterói-RJ. [Informações do Pesquisador]

_____. Datiloscrito de *Dôra*, *Doralina*. Rio de Janeiro: [197-], 333 p., depositado nos arquivos da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro-RJ. [Informações do Pesquisador]

_____. *Dôra*, *Doralina*. Rio de Janeiro/BRasília: J. Olympio/INL/MEC, 1975. 256 p.

_____. O nosso humilde ofício de escrever, *O Povo*, Fortaleza, 20 maio 1995. Caderno A, p. 7.